

MARIA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA ANDRADE LEITÃO

GÊNERO E PESCA ARTESANAL

GÊNERO E PESCA ARTESANAL

Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão



GÊNERO e PESCA ARTESANAL

Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão

Recife, 2012

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

DESIGN GRÁFICO Raul Kawamura
FOTOGRAFIA Juliana Leitão
IMPRESSÃO Gráfica Linceu

COMISSÃO EDITORIAL

Carmen Silvia de Moraes Rial – UFSC
Mara Coelho de Souza Lago – UFSC
Maria Luzia Miranda Alvares – UFPA
Paulo Gilvane Lopes Pena- UFBA

Copyright© 2012 Maria do Rosário de Fátima
Andrade Leitão

L533g Leitão, Maria do Rosário de Fátima Andrade, 1956-
Gênero e pesca artesanal / Maria do Rosário de Fátima Andra-
de Leitão ; colaboração Cláudia Maria de Lima ; fotografia Juliana
Leitão. – Recife : Linceu, 2012.
1v. : il.
ISBN: 978-85-60312-40-5

1. PESCA ARTESANAL – BRASIL. 2. PESCA ARTESANAL – BRA-
SIL (NORDESTE). 3. PESCADORES – BRASIL – DIAGNÓSTICO. 4.
AQUICULTURA – BRASIL. 5. PESCADORAS – BRASIL – ATIVIDA-
DES PROFISSIONAIS. 6. PESCADORAS – BRASIL – VIDAS E COS-
TUMES SOCIAIS. 7. PESCADORAS – BRASIL – DEPOIMENTOS. 8.
ACIDENTES DO TRABALHO. 9. PESCADORAS – BRASIL – ASPEC-
TOS DA SAÚDE. 10. POLÍTICAS PÚBLICAS. I. Lima, Cláudia Maria de.
II. Leitão, Juliana. III. Título.

CDU 639.2
CDD 639.2

PeR – BPE 012-0247

Impresso no Brasil / Printed in Brazil
DIREITOS RESERVADOS AOS AUTORES

DILMA ROUSSEFF

Presidenta da República

MARCELO BEZERRA CRIVELLA

Ministro da Pesca e Aquicultura – MPA

ATILA MAIA DA ROCHA

Secretário Executivo – SE/MPA

ELOY DE SOUSA ARAÚJO

Secretário de Infraestrutura e Fomento da Pesca e
Aquicultura – SEIF/MPA

SEBASTIÃO SALDANHA NETO

Diretor de Fomento – DEFO/SEIF/MPA

FLÁVIO BEZERRA DA SILVA

Secretário de Planejamento e Ordenamento da Pesca –
SEPOP/MPA

JOÃO DIAS MACHADO

Diretor do Departamento de Planejamento e Ordenamento
da Pesca Artesanal – DPOPA/SEPOP/MPA

ANTONIO FAUSTINO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE NETO

Presidente Fundação Apolônio Salles de Desenvolvimento
Educativo – FADURPE

VALMAR CORRÊA DE ANDRADE

Reitor Universidade Federal Rural de Pernambuco –
UFRPE

MARIA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA ANDRADE LEITÃO

Coordenadora do Grupo de Pesquisa CNPq/UFRPE –
Desenvolvimento e Sociedade – GPDS

Promoção do Projeto “Ações para Consolidar a Transversalidade de Gênero nas Políticas Públicas para a Pesca e Aquicultura do MPA”

Ministério da Pesca e Aquicultura – MPA

Fundação Apolônio Salles de Desenvolvimento
Educativo – FADURPE

Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE

REALIZAÇÃO

Grupo de Pesquisa CNPq/UFRPE – Desenvolvimento
e Sociedade – GPDS

APRESENTAÇÃO

O projeto “Ações para Consolidar a Transversalidade de Gênero nas Políticas Públicas para a Pesca e Aquicultura do MPA, representa um marco nas propostas e realizações relacionadas à inclusão social com enfoque de gênero, raça e geração.

Este livro é fruto da articulação entre MPA - Ana Luiza Spinelli Pinto, e UFRPE – Prof^a. Dr^a Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão, que teve início com um encontro em Brasília, em abril de 2010 e incluiu MDA, SPM, Universidades (UFRPE, UFPA, UFSC, UFBA) e a Ong Flor da Terra Ceará. Nesta ocasião foi organizado temas e metodologia do diagnóstico proposto nos cinco estados. Os estados escolhidos para este trabalho foram o Pará na região Norte do país, Ceará, Pernambuco e Paraíba na região Nordeste e Santa Catarina na região Sul, em função da realidade do cotidiano da pesca. Os números indicativos da distribuição nacional de pescado por estado em 2008 apontam Santa Catarina como o maior produtor, seguido pelo Pará. No que diz respeito aos dados do Registro Geral da Pesca (RGP) até 31/12/2009, a Região Nordeste apresenta o maior número de pescadores do país, representa 46,3% do total, seguido pela Região Norte com 31,9%, juntas essas regiões respondem por 78,3% do universo de pescadores profissionais do Brasil.

Segundo o Boletim estatístico da Pesca e Aquicultura no Brasil 2008 – 2009, existem no Pará 167.494 pescadores, sendo 102.558 homens (61,2%) e 64.936 mulheres (38,8%); em Pernambuco 14.452 pescadores, 8.713 homens (60,3%) e 5.739 mulheres (39,7%); no Ceará 30.184 pescadores, dos quais 24.161 homens (80%) e 6.023 mulheres (20%); na Paraíba 19.543 pescadores, 14.077 homens (72%) e 5.466 mulheres (28%); em Santa Catarina 38.934 pescadores, 25.245 homens (64,8%) e 13.689 mulheres (35,2%).

Os dados quantitativos foram fundamentais na definição do recorte metodológico deste diagnóstico, pois a partir deles nos debruçamos sobre esta realidade para assim alcançar, por meio de entrevistas, fotografias e depoimentos, informações que ultrapassam os dados numéricos, com a intenção de dar voz e visibilidade a estas mulheres pescadoras oriundas de Baía do Sol, Mosqueiro, Curuçá, Icapuí, Fortim, Acaú, Itacuruba, Santa Maria da Boa Vista, Jatobá, Ibimirim, Itapissuma, Governador Celso Ramos, Brasília Teimosa, Rio Formoso, São José da Coroa Grande, Igarassú.

O livro Gênero e Pesca Artesanal foi escrito pela Prof^aDr^a Maria do Rosário F. Andrade Leitão com a colaboração da socióloga Cláudia Maria de Lima e da foto-jornalista Juliana Leitão.

Uma pesquisa desta dimensão não seria possível sem a constituição das parcerias entre Ministério da Pesca e Aquicultura, especialmente o Departamento de Planejamento e Ordenamento da Pesca Artesanal, as Universidades que nos apoiaram e as pescadoras, nossas interleutoras, que participaram das oficinas de diagnóstico. Difícil agradecer e retribuir o tanto de ajuda e apoio recebido das mais diversas instâncias, sem as quais não se escreve um livro.

Prof^a. Dr^a. M^a Rosário F. Andrade Leitão
UFRPE

INTRODUÇÃO

Gênero e Trabalho na Pesca Artesanal é uma publicação do Projeto “Ações para Consolidar a Transversalidade de Gênero nas Políticas Públicas para a Pesca e Aquicultura do MPA”, que procurou:

- ✓ **Chamar a atenção sobre as pescadoras enquanto profissionais;**
- ✓ **Dar voz a estas mulheres;**
- ✓ **Abrir um diálogo para que elas nos expliquem quais as atividades, por elas desenvolvidas na cadeia produtiva da pesca;**
- ✓ **Ouvir quais as suas necessidades de construção e execução de políticas públicas que as beneficiem enquanto pescadoras.**



CAPÍTULO 1

GÊNERO E TRABALHO

*“Margarida flor, Margarida amor, Margarida mulher,
Margarida paz, Margarida Azul, mulher como tu nós
queremos mais, e aí temos mais, mais, mais”. Maria das
Neves, PE 20/10/2010. Poema sobre Margarida Alves e
Margarida Mousinho.*

O QUE O PROJETO FEZ?

Realizou oficinas em cinco estados do Brasil: Pernambuco, Santa Catarina, Pará, Ceará e Paraíba durante os anos de 2010 e 2011.

POR QUE REALIZOU AS OFICINAS?

O objetivo das oficinas foi organizar informações sobre a vida cotidiana das mulheres pescadoras. Estas informações, chamamos de diagnóstico, que envolveu as áreas:

- ✓ Trabalho;
- ✓ Saúde;
- ✓ Hábitos alimentares e;
- ✓ A relação entre instituições públicas e as pescadoras.

VOCÊS SABEM COMO É O DIA A DIA DE UMA PESCADORA?

Para conhecermos, iniciamos com algumas perguntas sobre a rotina diária, que foi construída coletivamente.

Maria de Capuí, do Ceará, nos conta “eu exerço essa profissão desde que eu era pequena, que minha mãe e meu pai levava, acho que quase todas as pescadoras começaram de pequena, pegando búzio, pegando siri”.



Linduína (Ceará) nos relata “a nossa profissão em termo ela é uma profissão que ela nos dá, alegria do nosso trabalho, mas em compensação a gente tem muita dificuldade porque a gente não tem também quem compre direto, a gente

tem um frigorífico aqui em Icapuí, que é do Sr. (...), ele compra, mas não tem um preço justo, e a gente trabalha, trabalha demais para conseguir pouco dinheiro pela nossa profissão”.



Rotina
Diária

Maré
grande

4h:00: Higiene Pessoal;
4h:15: Coloca a Farda;
4h:30: Vai para a maré;
5h:00: Começa a pescar;
9h:00: Maré começa encher;
12h:00: Retorna para casa;
12h:15: Faço fogo lenha e cozinho;
(marisco, ruru, aratú, piré e
outro)
* Enquanto isso: lava roupa, lava pratos,
tome banho.
12h:45: Escorre e começa a catar;
* Lava os murinhos na escola e busca.
13h:00: Acaba de catar;
* Nesse meio tempo cuida das crianças,
marido e casa.

O que é ROTINA DIÁRIA?

É o tempo que a mulher pescadora utiliza, nas 24 horas do dia, para: acordar, dormir, cuidar das crianças, da casa, da pescaria ou coleta de mariscos, aquicultura e às vezes da comercialização, entre outras atividades relacionadas à sobrevivência dela e de sua família.

ESTA ROTINA DIÁRIA FOI NARRADA A PARTIR DAS SEGUINTE PERGUNTAS:

- ✓ **Quais as atividades que você realiza no dia a dia?**
- ✓ **Onde faz essas atividades?**
- ✓ **Qual o tempo utilizado em cada uma dessas tarefas?**
- ✓ **Quem realiza esses trabalhos junto com você?**
- ✓ **Quanto tempo realiza a atividade da pesca e o trabalho doméstico?**
- ✓ **Nas atividades diárias em qual gasta mais tempo?**
- ✓ **Quem faz o quê em casa e na rua? (homem, mulher, filhos/as)**
- ✓ **Quais são as suas dificuldades?**



VAMOS VER O QUE AS PESCADORAS DISSERAM QUE REALIZAM:

MANHÃ

Despertar em média no horário entre 3h00 e 6h00 da manhã, agradecer a Deus; acordar as crianças; fazer o café; caminhar; cuidar da sogra; levar as crianças para a escola/creche; fazer o almoço ou comer na casa da mãe; debulhar e vender mariscos; lavar roupa; limpar a casa e busca as crianças na escola. As 12h00 é hora de almoçar.

TARDE

Lavar louças, ensinar tarefas dos/as filhos/as, preparar jantar, geralmente não descansam a tarde. As 18h00 servem o jantar.

NOITE

Lavar louças, assistir novelas, estudar. Importante lembrar que uma característica específica do trabalho da pesca no litoral é dependência ao horário da maré. Quando o horário da maré, bom para pescar, é pela manhã suas atividades domésticas são antecipadas para a noite anterior.



No Pará, Suely passa a noite na pesca do camarão e de manhã bem cedo chega a Baía do Sol para vender seu produto, uma rotina diferente, a noite é de trabalho.





Linduína (Ceará) relata: “eu me levanto de manhã, me levanto cedo, quatro e meia, quatro e quarenta, organizo minhas coisas, eu deixo o meu feijão ou o meu arroz feito, e vou pra maré”. Ela continua explicando a rotina da pescadora “a gente passa de duas horas a duas horas e meia, quando a maré ta enchendo, a gente pode estar lá até mais tarde, a gente tira o marisco com a água até a coxa, quando a maré está subindo a gente vem pra casa”.

Existem diferenças de rotina entre as mulheres que convivem com um companheiro e as que estão sozinhas. Algumas pescadoras realizam as atividades de:

1. Cuidar do barco;
2. Processar o pescado - descascar camarão e marisco, filetar e limpar o peixe;
3. Fazer os vários beneficiamentos de produtos da pesca;
4. Confeção ou reparo de rede;
5. Colaborar no cultivo dos mariscos;
6. Outras atividades.



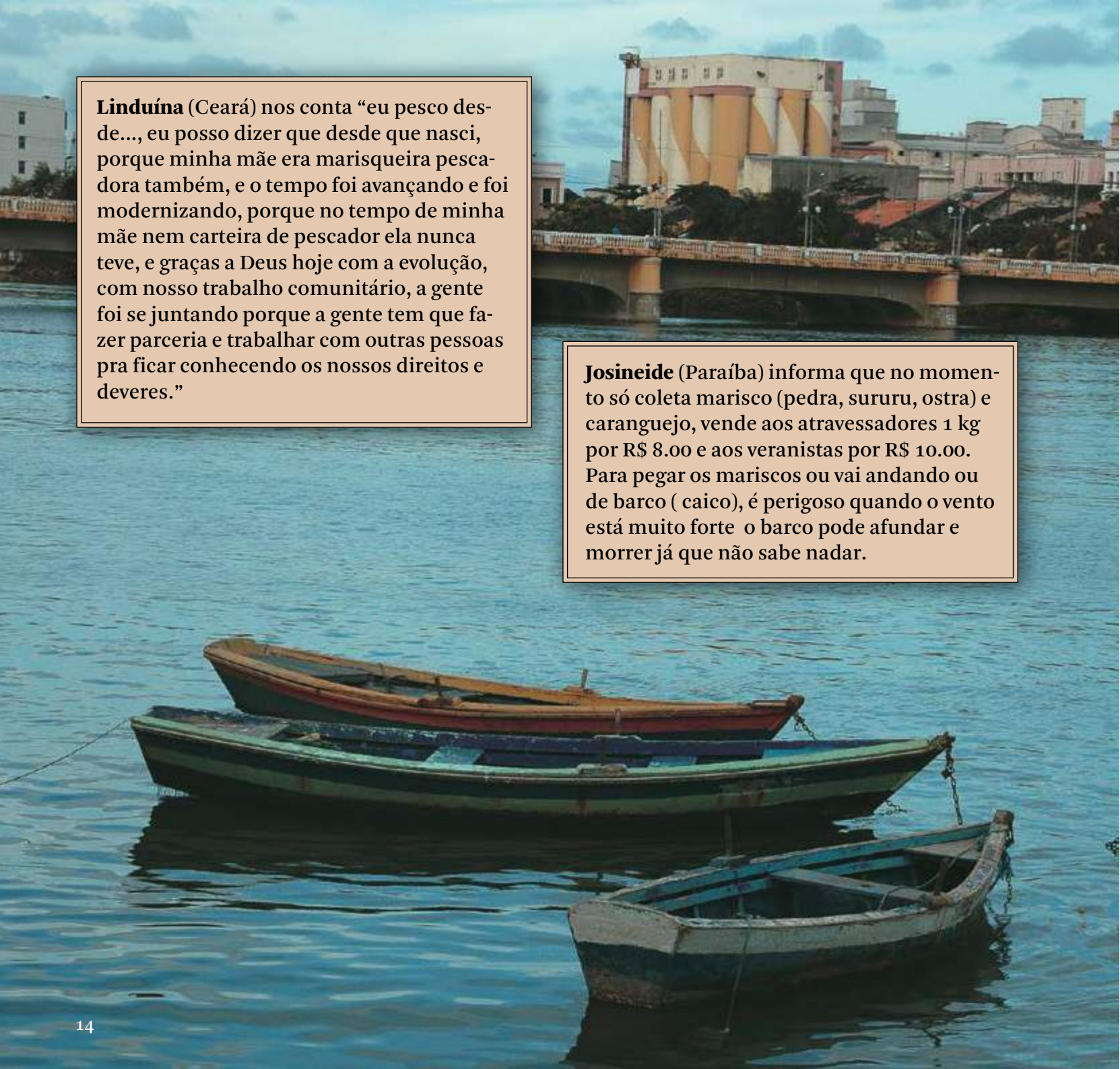
AS PESCADORAS MAIS JOVENS, COM FILHOS PEQUENOS, DECLARARAM TER DIFICULDADE EM ESTUDAR, PORQUE FALTAM CRECHES E ASSIM ELAS, MUITAS VEZES, NÃO TÊM COM QUEM DEIXAR OS/AS FILHOS/AS.

Sobre o trabalho **Eliete** (Pará) fala que “essa mão tece rede. Essa mão joga tarrafa. Essa mão trabalha na alimentação dos filhos nos apetrechos da pesca, pesca de Matapi”. (Matapi - palavra do tupi é um covo feito para pescar).

Nair (Santa Catarina) que foi presidente de colônia por seis meses, relata que é viúva, pesca no mar, conserta redes e barcos, que “trabalha como homem, faz até nó de guia” (Nó difícil de desatar).

Rafaela (Santa Catarina) trabalha em uma cooperativa de mulheres, a qual tem 20 mulheres cooperadas. Cooperativa de beneficiamento de produtos in natura (Peixe, camarão, siri, ostra).



The background image shows a wide river with several small wooden boats floating on the water. In the distance, a bridge with multiple arches spans across the river. Behind the bridge, there are several buildings, including a prominent one with large, cylindrical structures on its facade. The sky is overcast with grey clouds.

Linduína (Ceará) nos conta “eu pesco desde..., eu posso dizer que desde que nasci, porque minha mãe era marisqueira pescadora também, e o tempo foi avançando e foi modernizando, porque no tempo de minha mãe nem carteira de pescador ela nunca teve, e graças a Deus hoje com a evolução, com nosso trabalho comunitário, a gente foi se juntando porque a gente tem que fazer parceria e trabalhar com outras pessoas pra ficar conhecendo os nossos direitos e deveres.”

Josineide (Paraíba) informa que no momento só coleta marisco (pedra, sururu, ostra) e caranguejo, vende aos atravessadores 1 kg por R\$ 8.00 e aos veranistas por R\$ 10.00. Para pegar os mariscos ou vai andando ou de barco (caico), é perigoso quando o vento está muito forte o barco pode afundar e morrer já que não sabe nadar.

VAMOS VER O QUE ELAS PESCAM E COLETAM:

As pescadoras apontam a coleta do marisco como sua principal atividade, em algumas localidades elas pescam, coletam e cultivam.

QUAIS AS ESPÉCIES DE PEIXES:

Manjuba, Saúna, Tainha, Sardinha, Carapicú, Carapeba, Raia, Bagre, Camurim, Mororó, Sôia, Moréia, Aniquim, Tamatá, Traira, Pescada Branca, Acaratingo, Jacundá, Pratiqueira no curral, Aracu, Gabri, Gó, Banderado, Salema, Boca Mole, Manjubão. Bitreque, Salminha.

ESPÉCIES DE MARISCOS:

Sururu, Ostra, Caranquejo, Turú, Siri duro e mole, Taioba, Unha de Veio, Redondo, Camarão, Maraquani, Marisco Pedra, Búzios. No Ceará elas também coletam algas. Em Santa Catarina, no Ceará e no Pará realizam cultivo de ostras.

MARILEIDE (Ceará) nos conta que:

Eu trabalho lá na colônia junto com a presidente, e cultivo ostras, lá com outras mulheres do pontal, como a maior parte do Fortim, a gente está no pontal e cada uma tem um grupo, e nós formamos seis grupos no cultivo de ostra, cada grupo tem sua mesa.



QUEM VENDE OU TROCA

Vendem os produtos da pesca de forma diversificada:

1. nas praias, nos finais de semana aos banhistas.
2. diretamente ao consumidor final;
3. ao atravessador;
4. beneficiado (cozido, temperado);
5. troca por lenha, por bolo;
6. consomem em suas casas e;
7. dependendo da quantidade, divide com as crianças que as ajudam na pesca. CE

TABELA =

CAMARÃO NO ESPETO	--	RB 3,00
CAMARÃO FRITO	---	RB 5,00
CAMARÃO SALGADO	---	RB 5,00
CARANGUEJO	---	RB 3,00
PEIXE FRITO	---	RB 5,00
PEIXE ASSADO	---	RB 5,00
TURÚ	---	RB 5,00
OSTRA CRUA	---	RB 2,00
OSTRA FRITA	---	RB 5,00
FILE DE BAIACÚ	---	RB 5,00
CALDERADA - PESCADEIRA	---	RB 7,00

BARRACA DO AVUADO
CARDÁPIO

A pescadora Maria das Neves (Pernambuco) nos conta que:

“Eu sou pescadora, eu vivo do meu pescado. Eu tenho fotos ali pescando, jogando tarrafa, remando canoa e na rua. Com uma caixa de isopor na cabeça, vendendo peixe; com uma sacola na mão com os pacotes de camarão na outra com piabas. Cantando, vendendo e gritando “êpa!”, e eu não tenho a condição de ter uma nota fiscal pra mostrar

para o Ministério pra dizer que sou pescadora. Eu tenho é que ter produção, pescado, ser conhecida vendendo o meu peixe e pescando”.

Outra pescadora (Santa Catarina) afirmou que “Chegou do mar é com a gente”, o que demonstra que as atividades desenvolvidas pelas mulheres na cadeia produtiva da pesca não pode ser resumidas a coletar e pescar.





COMO ESTÁ O ACESSO AS ÁREAS DA PESCA

Existe relatos de perigos, as vezes é necessário fazer acordo com fazendeiros para poder pescar, muitas vezes a dificuldade é a distância para chegar ao mar e algumas afirmaram ser necessário levar um homem para remar.

Vocês sabem que acessibilidade é uma questão de cidadania, vamos ver o que Enilde (presidente da Colônia Z- 9/ Pernambuco) diz sobre o tema: “a cidadania é fundamental porque ela está ligada a questão de gênero, classe, raça, desenvolvimento sustentável.”



RENDA

A renda é baixa, é difícil conseguir o equivalente a um salário mínimo mensal nas regiões Norte e Nordeste. Poucas são as pescadoras que recebem um salário fixo, com exceção das que trabalham em cooperativa, são aposentadas ou pensionistas. O que conseguem vender depende:

da estação do ano – verão ou inverno e dos problemas ambientais. Inverno e poluição geralmente diminuem a quantidade e qualidade do pescado. Todas afirmaram controlar os seus próprios recursos econômicos.

DIFICULDADE DAS PESCADORAS

Joana Mousinho (Pernambuco) afirma que “tem Colônia que não aceita a mulher, a mulher continua discriminada e tem mulheres que não sabem os direitos e os deveres que ela tem como pescadora ou renda de economia familiar, porque nós temos direito a tirar carteira”.



QUAIS AS DIFICULDADES APONTADAS PELAS MULHERES NA SUA ATIVIDADE DE TRABALHO?

Muitas não possuem canoa, também faltam recursos para a manutenção das redes, embarcações e falta isca para pesca;

Afirmam que pescar todo o tempo dentro d'água em contato com água viva, bactérias, peixes e outros objetos cortantes é muito perigoso. Algumas sofreram acidentes com peixes (por exemplo aniquim), ostras e tocos da madeira no mangue;

No inverno a renda cai por causa da escassez do produto e também dos consumidores;

A condição subalterna das mulheres, na maioria das Colônias de Pescadores/as e seu baixo poder de atuação nas decisões;

A violência por dividir o espaço da pescaria com usuários de droga.



NESTE TRABALHO PRECÁRIO, PERGUNTAMOS QUAIS AS OUTRAS FONTES DE RENDA DESTAS MULHERES:

Muitas recebem benefícios do Programa
Bolsa Família: R\$68,00, R\$80,00,
R\$96,00, R\$112,00; R\$127,00;

Algumas trabalham nas frentes de
serviços, oferecidos pelas prefeituras
durante poucos meses no ano;

Realizam atividades, mal remuneradas,
nas casas dos veranistas, durante o verão.



UM RESUMO DAS DIFICULDADES ENFRENTADAS PARA A REALIZAÇÃO DESTES TRABALHOS SÃO:

A falta de equipamentos e de produtos, as más condições de trabalho, as variações sazonais entre inverno e verão, a poluição ambiental, os riscos relacionados à saúde que afetam a atividade, inclusive riscos de morte, decorrentes deste trabalho;

A dupla jornada de trabalho (doméstico, da pesca e às vezes de outras atividades complementares) e, em alguns casos, a ausência temporária dos maridos que muitas vezes trabalham muitos dias no mar;

A presença significativa de mulheres chefe de família, ficando com elas a responsabilidade de criação e sustento dos filhos;

As dificuldades relacionadas ao acesso ao Registro Geral da Pesca, a receberem os seguros – defeso ou piracema, a se aposentarem;

As pescadoras ao falarem sobre o trabalho da pesca sempre estabelecem relação com a saúde, a família, a alimentação e as políticas públicas.

VOCÊS JÁ REPARARAM QUEM REALIZA AS TAREFAS DOMÉSTICAS?

As tarefas domésticas são realizadas, na maioria das vezes pelas mulheres. Algumas comentaram que o marido ajuda, mas sempre necessita ser solicitado, incentivado. Na maioria das vezes, elas acordam antes de todos e os chama para o café.

Assim, além do trabalho profissional de pescar, elas ainda realizam a maioria das tarefas: levar filho ao médico, cuidar da casa, suprir as atividades de lazer (quando existe), fazer as atividades domésticas e o controle do dinheiro das despesas da casa.

Muitas apontam que em casa o marido não faz nada, mas acordam cedo para ir trabalhar. Alguns homens gostam de cozinhar, e segundo elas, se precisar, eles cozinham.

Uma questão que apareceu em quase todas as falas refere-se à dupla jornada de trabalho, trabalham nas atividades da pesca e são responsáveis pelas tarefas domésticas, mesmo quando possuem alguém (marido, filhos, netos) que colaboram.

Esta situação mostra a dificuldade das mulheres, principalmente com filhos pequenos, de participarem de associações, cooperativas, movimentos sociais e até mesmo de lutarem por espaço nas Colônias de Pescadores/as. Porque, além de ir ao mar, rio ou mangue elas ainda debulham, cozinham e descascam o marisco durante toda a semana. Mesmo assim, várias pescadoras atuam em trabalhos comunitários na igreja, nos clubes de mães, nas associações de moradores etc.

Afirmam que o trabalho próximo às suas casas, no rio, no mangue, processando o pescado, permite realizar as tarefas domésticas e acompanhar filhos e filhas, netos e netas.

Situação existente mesmo que a maioria dos companheiros sejam pescadores e/ou maricultores. Entre os pescadores existem os artesanais ou industriais, estes últimos geralmente trabalham embarcados.

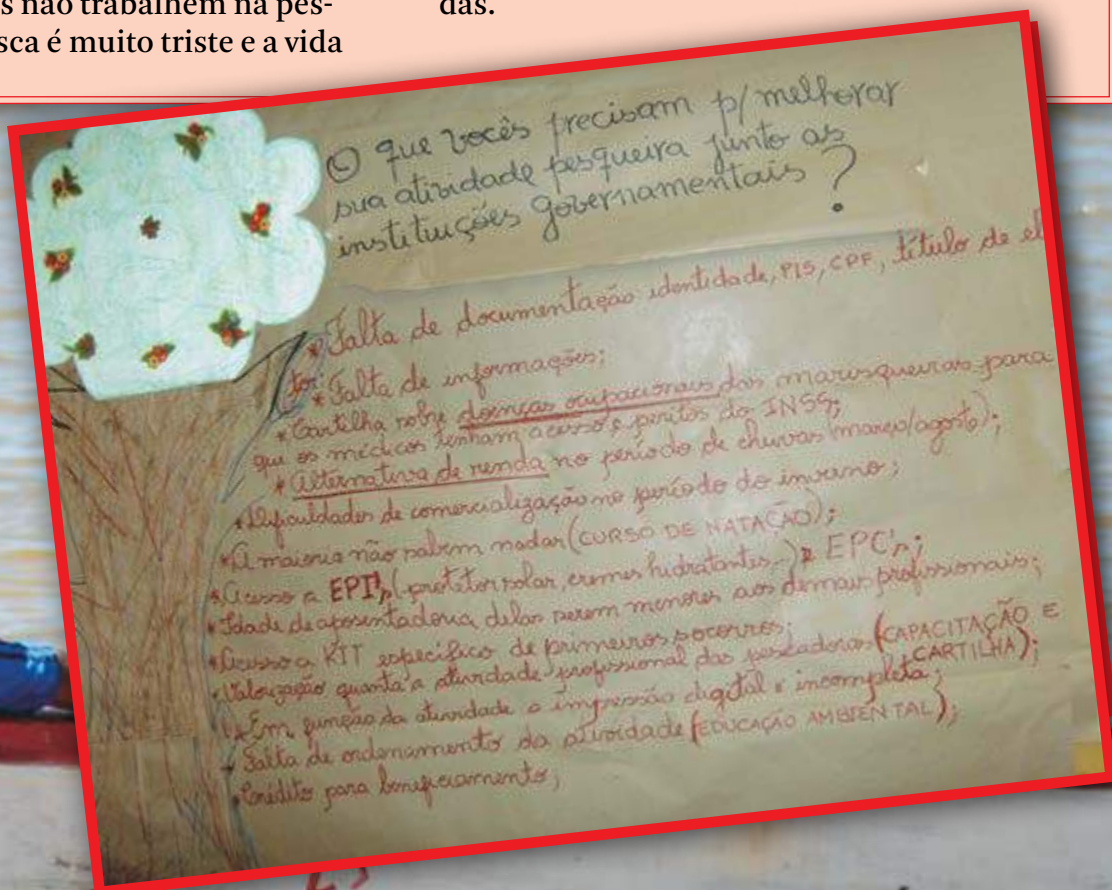
Algumas delas possuem filhos/as que também são pescadores/as e maricultores/as, mas também apontaram diversas outras profissões.

Muitas afirmam que esperam que seus filhos/as, netos/as não trabalhem na pesca. Para elas a pesca é muito triste e a vida

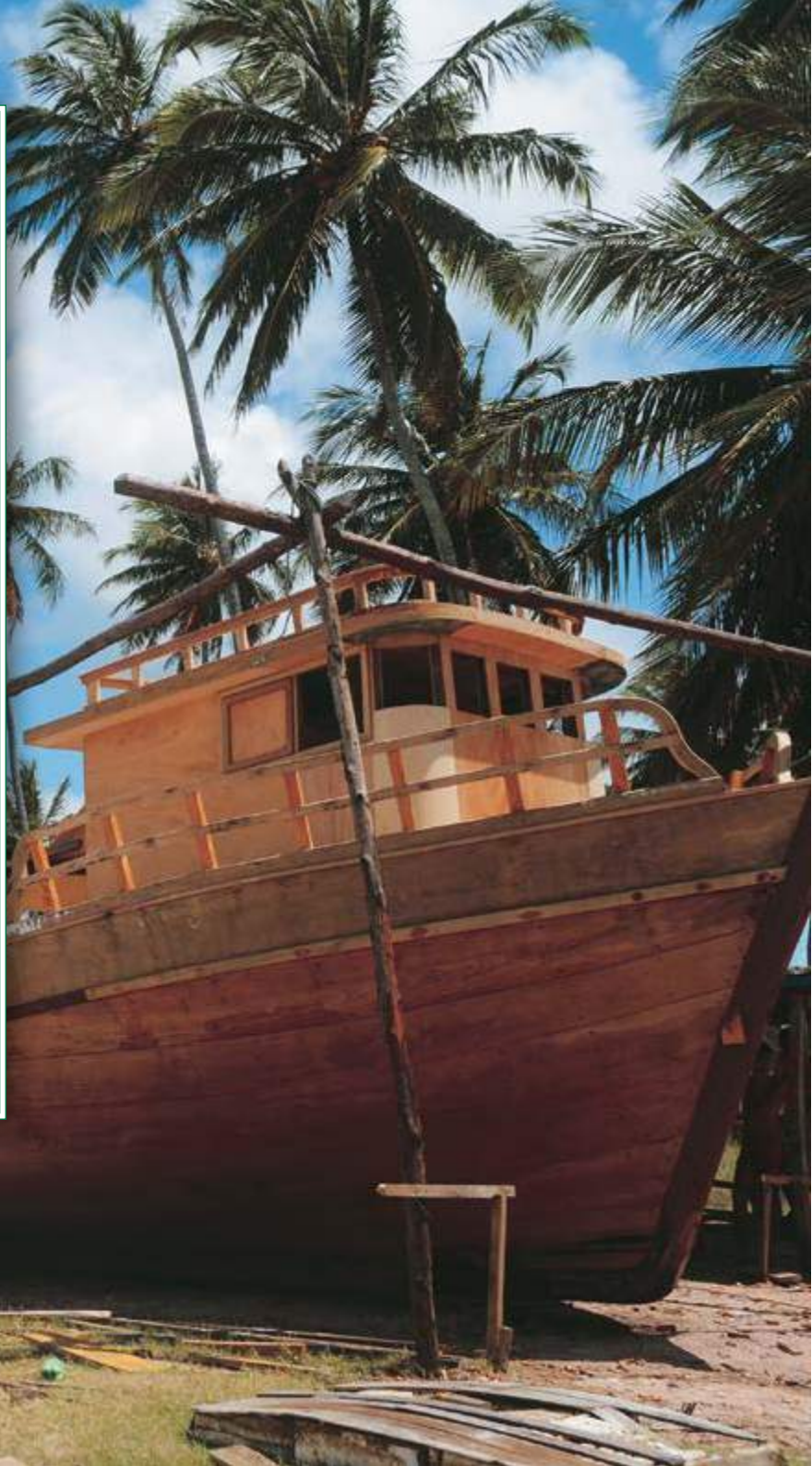
de pescador/a é sofrida. Para elas, a pesca “está ruim”, sendo “humilhante” para o pescador/a, receber salários cada vez mais baixos.

Existe o sonho do trabalho com carteira assinada, visualizada geralmente em outras atividades.

Importante conhecer a árvore dos desejos por elas idealizada e algumas falas que são exemplos de situações por elas vivenciadas.



Sobre comunicação **Joana Mousinho** (Pernambuco) explica que “a mulher que trata o siri, fileta o siri, o sururu, a ostra, o peixe, seca o pescado, vai pra feira vender, faz e/ou conserta a rede, tudo isso quer dizer renda de economia familiar. Então, eu sei que hoje tem muitas mulheres não sabem que tem esse direito. Mulheres que vivem da pesca e não sabem, vocês podem ir repassando porque nós estamos repassando e é muito bom lembrar que não adianta ter somente a carteira de pesca na mão, minha gente. Lembre-se que tem que dar visto nas carteiras, a carteira sem visto perde o valor e seis meses de atraso a carteira está sendo cancelada. Não deixe sua carteira atrasar se sua carteira atrasar a gente não sabe o que acontece. Você está com a carteira atrasada e precisar de um auxílio na previdência social, você não vai ter o direito porque sua carteira está atrasada. É uma rede, trabalham junto Ministério da Pesca, Ministério da Previdência Social, Caixa Econômica e Ministério do Trabalho. O que se passa em cada Ministério, todos sabem. É bom sempre está com o documento atualizado pra não sofrer consequências”.



As líderes do Movimento de Articulação das Pescadoras de Pernambuco informam que: “falta recursos para comunicação e locomoção; dificuldade de acesso às instituições públicas; dificuldade de acesso às informações sobre cursos de capacitação no INSS, bem como as informações direcionadas a categoria.” PE (10/12/2010)

Lourdes (Pará) ao falar sobre a sua vida, chama atenção sobre educação, relações familiares e sobrevivência. Ela informa que “eu me dediquei completamente à pesca porque eu queria ajudar meu pai. Depois pescava com meu companheiro e, depois ao ser abandonada, pescava sozinha. Eu mesmo ia catar os mariscos, dividia o marisco, cozinhava e ia levar para o supermercado, para o hotel, e assim eu sobrevivo da pesca. Foi muito sacrifício, mas eu sou apaixonada por esse trabalho, nem dou, nem vendo para ninguém, nem tenho inveja de quem tem a Universidade, para mim que só estudei até a terceira série.”



Francisca (Ceará) nos conta sobre prazer e dificuldade na pesca artesanal, em sua narrativa informa “aos dezessete anos, quando eu cheguei em Fortim, que eu não morava lá, aí tinha muitas dificuldades, foi através da pesca que a gente foi buscar alimentação pra família, e depois disso a gente foi tirando, a gente recebe encomendas, e eu gosto de fazer uma atividade que eu gosto, eu gosto de participar das coisas que a gente faz, feiras, eventos, é muito bom”.

Dilvane (Pará) – explica o que é machismo “é machista o homem que acha que só ele deve pescar, e a mulher não. Então tem aquele ditado que eles dizem assim ‘lugar de mulher é na cozinha’ mas é errado que a mulher é também pescadora, com o peixe elas garantem benefícios para os filhos dela, como renda etc.”



CAPÍTULO 2

GÊNERO E SAÚDE

Embarca mulher, embarca

*Embarca mulher, embarca
Molha o pé, mas não molha a meia
Vimos lá de Pernambuco, Pará,
Santa Catarina,
Ceará e Paraíba,
Fazer barulho
Em terra alheia*

Neste capítulo contamos com a colaboração do médico e professor da Universidade Federal da Bahia, Paulo Gilvane Lopes Pena, sem a qual não poderíamos dialogar com as narrativas das pescadoras.

As 72 pescadoras que participaram neste diagnóstico estão na seguinte faixa etária:

Faixa Etária Total

20 – 30 anos 18

40 – 49 anos 28

50 – 60 anos 21

61 anos ou mais 5

Total 72



Os dados relacionados à idade das pescadoras são importantes na compreensão das informações desenvolvidas nesta cartilha. Documento que tem o objetivo de mostrar um padrão de comportamentos, no que se refere a problemas que poderiam estar relacionados à doenças ocupacionais e, que foram enumeradas por pescadoras (marisqueiras) nos seguintes estados: Ceará, Pará, Paraíba, Pernambuco e Santa Catarina.

ESTE DIAGNÓSTICO, PROPÕE-SE A CONTRIBUIR ÀS PESCADORAS E AS/OS PROFISSIONAIS QUE ATENDEM A ESTAS MULHERES.

No geral, os problemas de saúde, relatados pelas pescadoras, são:

Dores no corpo (braço, coluna, pés, mãos): fadiga, bico-de-papagaio, escoliose, artrite, artrose, esporão e dores nos membros superiores (que podem estar relacionadas às LER - Lesões por Esforço Repetitivo).

Varizes (* varizes de membros inferiores podem ser consideradas doença ocupacional, portanto, relacionadas ao trabalho), cansaço mental e físico, vertigem, hérnias

(* hérnias abdominal e inguinal podem ser decorrentes de esforço excessivo no trabalho – doença ocupacional).

Sinusite (* sinusite pode ser ocupacional quando causada por alergias no trabalho ou mesmo exposição às chuvas, frio e umidade).

Os problemas de saúde aqui citados, são relacionados, segundo elas, ao esforço realizado durante o processo da pesca e de transporte do barco até suas casas, peso que chega a uma média de 20 Kg (vinte quilos).



VAMOS OUVIR SUAS FALAS:

Rosalita, no Pará, afirma que por causa da coluna, não dorme no dia que pesca.

Natércia, em Pernambuco, “... muita dor nos ossos, principalmente a coluna. Você fica muito tempo abaixada. Quando eu trabalho muito com a mão na preparação e limpeza do pescado sinto muitas dores nas mãos”.


Francelina, em Pernambuco, relatou sua situação “pegavam, botavam o saco na minha cabeça, daí quando chegava mais adiante, eu caía sentada, mas ninguém sabia que era da cabeça que já não aguentava mais o saco (...). É coluna, meu problema é coluna, dores lombar e muscular. Eu tenho um atestado médico comprovando que foi da maré, da praia, da frieza que eu peguei”. (* Lesões na coluna, a exemplo de lombalgias e hérnias de disco podem ser doenças relacionadas ao trabalho).

Nos olhos, problemas relacionados ao sol e ao sal, que levam gradativamente, segundo elas, à perda de sua visão. Também é atribuído ao sol e a claridade a dor de cabeça.

(* Catarata pode ser ocupacional e relacionada à exposição excessiva ao sol).

Joana Mousinho, em Pernambuco, explica que: “olha, tem sempre catarata, às vezes não é nem catarata, fica como se fosse uma neve na vista e não consegue mais enxergar direito. Aí deixam de assinar (...)”.



A woman wearing a red t-shirt, a dark cap, and light-colored pants is wading in shallow, rippling water. She is looking down and to her left. In the background, several wooden boats are docked or anchored. The water is a mix of blue and brownish-green, suggesting a mangrove or estuary environment. The sky is clear and blue.

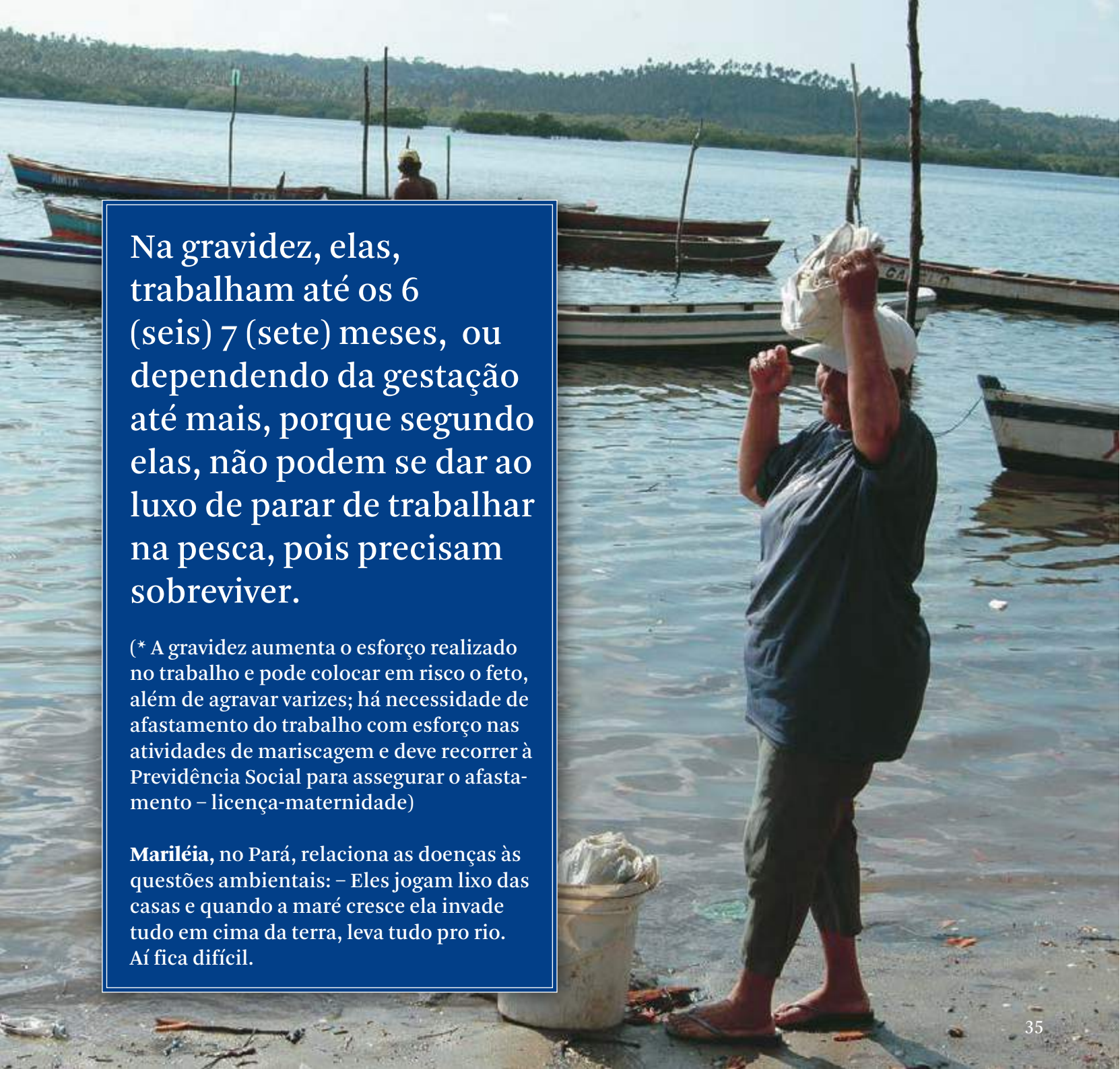
Outras falas das pescadoras estão relacionadas a doenças de pele e ginecológicas, a ocorrência de coceiras tanto na pele e principalmente, nas partes íntimas, inflamações urinárias, atribuída a quantidade de horas que permanecem imersas na água e também devido a poluição nos mangues e marés.

(* Micoses na pele e unhas - onicomicoses - estão relacionadas à exposição à umidade nas atividades de extração de mariscos – são exemplo de dermatoses ocupacionais)

Valdirene, em Pernambuco, relata que “a gente que fica dentro da água fica mesmo com coceira nas partes íntimas.”

(* Inflamações e infecções nas vias urinárias podem estar relacionadas à umidade, contato frequente com a lama e desidratação – consumo insuficiente de água no trabalho que reduz a micção e favorece infecção)

Edileuza, em Pernambuco, diz que “banho de tartaruga eu uso também, faz muito bem pra pele também.”



Na gravidez, elas, trabalham até os 6 (seis) 7 (sete) meses, ou dependendo da gestação até mais, porque segundo elas, não podem se dar ao luxo de parar de trabalhar na pesca, pois precisam sobreviver.

(* A gravidez aumenta o esforço realizado no trabalho e pode colocar em risco o feto, além de agravar varizes; há necessidade de afastamento do trabalho com esforço nas atividades de mariscagem e deve recorrer à Previdência Social para assegurar o afastamento – licença-maternidade)

Mariléia, no Pará, relaciona as doenças às questões ambientais: – Eles jogam lixo das casas e quando a maré cresce ela invade tudo em cima da terra, leva tudo pro rio. Aí fica difícil.



Vários acidentes de trabalho são, por elas, enumerados entre eles: cortes nas mãos, pés e pernas, outros riscos, inclusive de morte, quando estão em alto mar, decorrentes do trabalho.

(* risco de tétano decorrente dos acidentes perfuro-cortantes é importante; recomendação da vacina e reforço a cada dez anos para prevenir essa doença grave)

Fernanda, do Pará, fala que: “enfrentamos problemas de saúde, mas mesmo assim continuamos trabalhando na pesca, muitas vezes sem o auxílio do governo. No caso dos pescadores que são ferrados por arraia, quando vão receber o auxílio doença já ficaram bons, e muitos nem recebem.”

Mariléia, no Pará, chama atenção para “um risco muito grande que a gente tem, é com a pirataria”. Explica que a pirataria consiste em roubo em alto mar de barcos e produção.

Uma especificidade de Santa Catarina se refere a existência de gripe recorrentemente, segundo elas, por causa da exposição ao frio durante o trabalho de descasque de camarão.

Todas em geral falaram que há grande incidência de diabetes e hipertensão entre as pescadoras. Inclusive indagadas sobre “o que mais afeta o trabalho da pescadora”.

Joana Mousinho, de Pernambuco, respondeu que é a “diabetes, (devido ao problema de cicatrização)”.

Natércia de Pernambuco, explica que “Eu no caso que sou diabética, tenho medo de me cortar, para não dar tétano. O médico diz que eu não posso estar dentro da água, que eu posso escorregar o pé e me cortar com uma ostra, um vidro, e ter que perder a perna ou um braço (por problemas de cicatrização e amputação).

(*Relação entre acidentes do trabalho e diabetes: nesse caso, as condições de trabalho na mariscagem agravam a evolução da diabetes, principalmente pelos acidentes do trabalho perfuro-cortantes que geram ferimentos).



Joana Mousinho,
em Pernambuco, presidente
da Colônia Z-10, levantou
uma questão, do ponto
de vista dos direitos
trabalhistas, em que, até
julho de 2010, segundo
ela, não houve registro de
acidente de trabalho, só
ocorrência de solicitação de
“auxílio doença”.

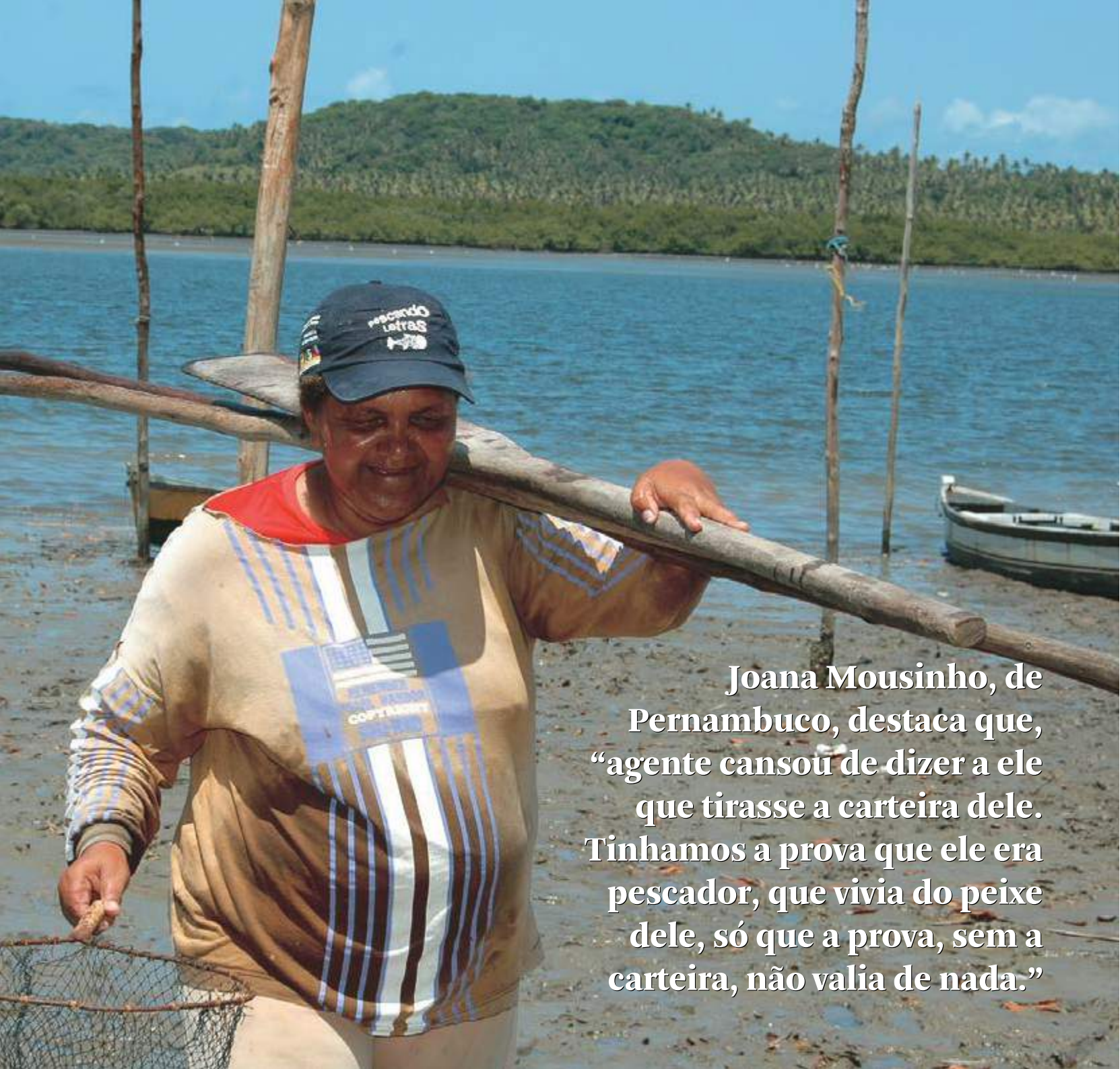


No entanto ela chama a atenção para as duas modalidades de benefícios:

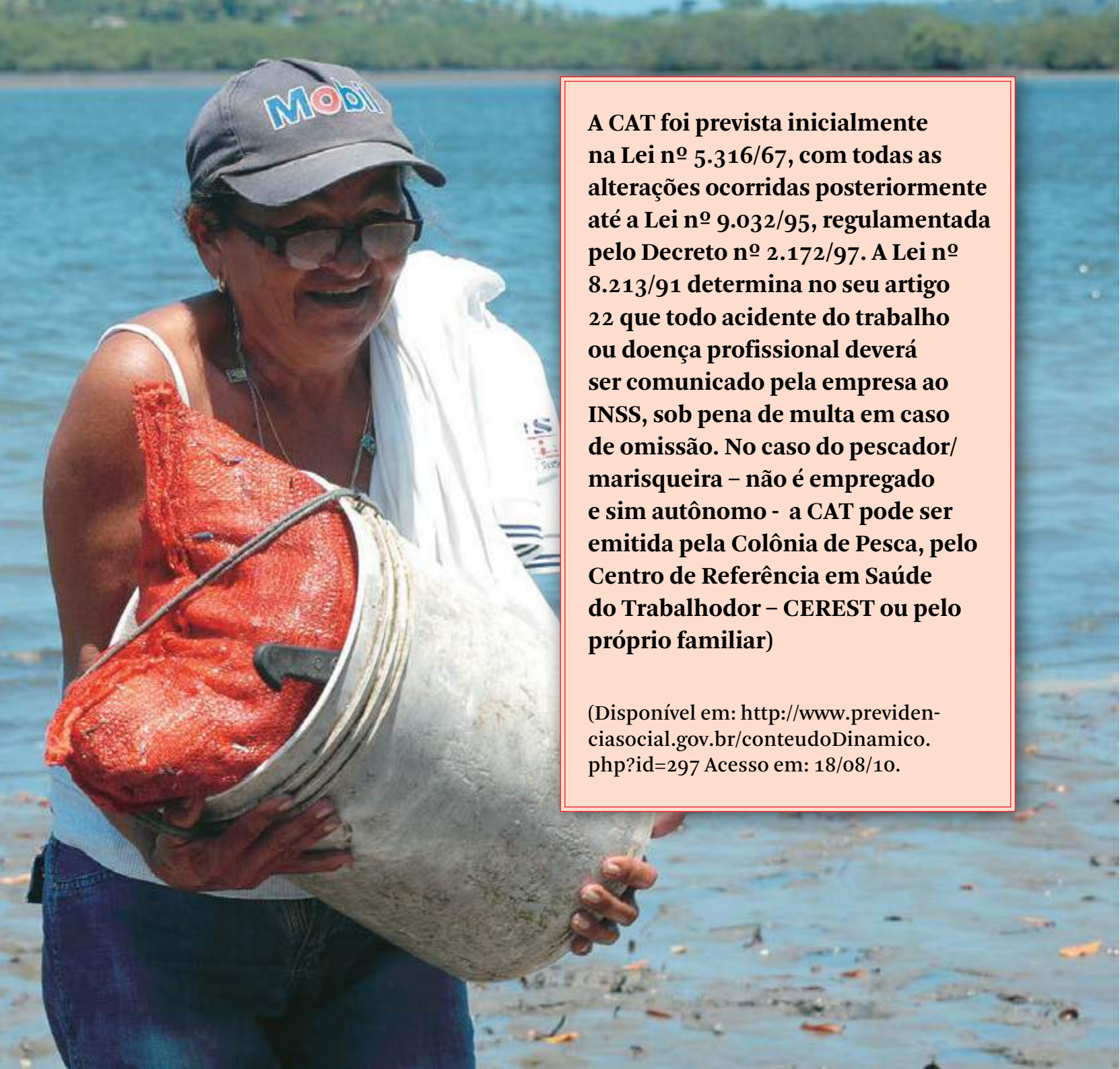
- a) No caso de acidente de trabalho / doença profissional não depende de “carência” para obter esse direito e no caso de necessidade de afastamento do trabalho, deve ser emitido a Comunicação de Acidente de Trabalho - CAT;
- b) Já na solicitação do pedido “auxílio doença”, junto ao Setor da Previdência Social, deverá depender de “carência”.

Sobre riscos e documentação a narrativa em Pernambuco sobre o acidente que levou a morte de um pescador que não sabia nadar e no momento da pesca, em seu barco, foi atirado ao mar pelo vento forte e não sobreviveu. O pescador não tinha registro na Colônia, dificultando, assim, os trâmites burocráticos ao pedido de benefícios para sua mulher e filhos (* trata-se de acidente do trabalho e deve ser registrado com CAT).






Joana Mousinho, de Pernambuco, destaca que, “agente cansou de dizer a ele que tirasse a carteira dele. Tínhamos a prova que ele era pescador, que vivia do peixe dele, só que a prova, sem a carteira, não valia de nada.”



A CAT foi prevista inicialmente na Lei nº 5.316/67, com todas as alterações ocorridas posteriormente até a Lei nº 9.032/95, regulamentada pelo Decreto nº 2.172/97. A Lei nº 8.213/91 determina no seu artigo 22 que todo acidente do trabalho ou doença profissional deverá ser comunicado pela empresa ao INSS, sob pena de multa em caso de omissão. No caso do pescador/marisqueira – não é empregado e sim autônomo - a CAT pode ser emitida pela Colônia de Pesca, pelo Centro de Referência em Saúde do Trabalhador – CEREST ou pelo próprio familiar)

(Disponível em: <http://www.previdenciasocial.gov.br/conteudoDinamico.php?id=297> Acesso em: 18/08/10.



Sobre as perguntas relacionadas à saúde se destacam: Realizam exames todos os anos? Onde fazem estes exames? Procuram médicos e Posto de Saúde? Elas responderam:

Lenilza, de Pernambuco, “Eu faço. Porque veja só, se você não tiver um tempo para cuidar de você, você vai morrer de tanta maré, de tanto pés descalços, ficar podre por dentro, e não cuidar de si própria, porque a gente é marisqueira...”

No entanto a maioria respondeu que não é ouvida pelos profissionais de saúde, geralmente passam o mesmo medicamento, como não se sentem curadas, afirmam que não lhe foram receitado o remédio adequado.

Ivonete, no Pará, informa que “Não somos ouvidas pelos médicos, por isso faz tratamento caseiro: chá de pariri para anemia, jucá para dores”.

Ana Lúcia, do Pará, ela considera que “Não, sou ouvida, o médico nunca passa exames, uso remédio caseiro (jucá, faz pomada, utiliza Andiroba e Arnica para dor no corpo)”.

Rosalita, do Pará, aquela que não dorme no dia que pesca, afirma que não vai (a consulta médica) porque não tem condições, utiliza remédios caseiros e paga a fisioterapia. Explica que a ficha para a consulta é muito difícil de pegar.

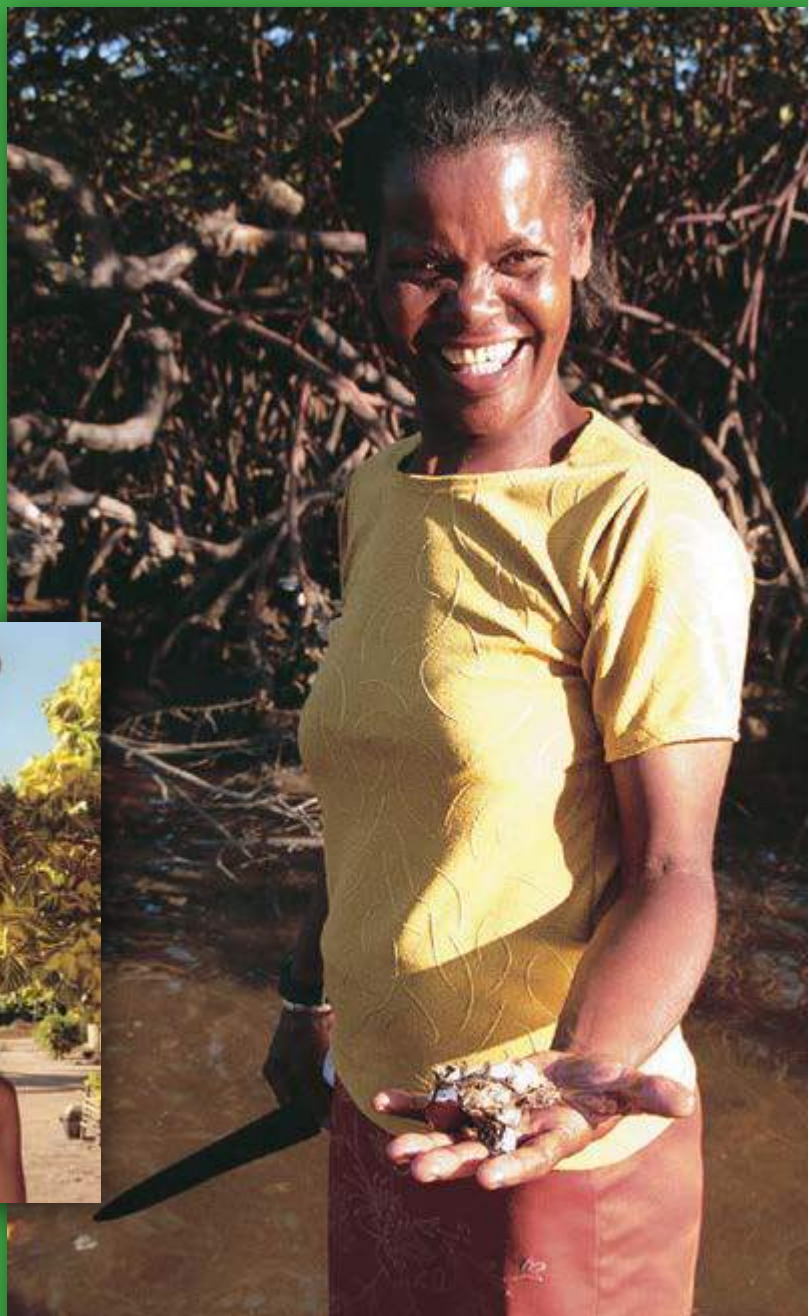
Sandra, do Pará, “utiliza o CPOS – Centro de Orientação da Saúde Popular, toma remédios caseiros”.

ELAS, TAMBÉM, RESPONDERAM QUE:

As dificuldades são muitas para se conseguir marcar uma consulta. Avaliam que sempre medicam os mesmos remédios (pomada vaginal e para fungos). Não são requisitados exames, passam logo a medicação.

Afirmam que raros são os médicos que passam exame, segundo elas, faltam Agentes de Saúde para facilitar o atendimento quando vão ao Posto de Saúde.

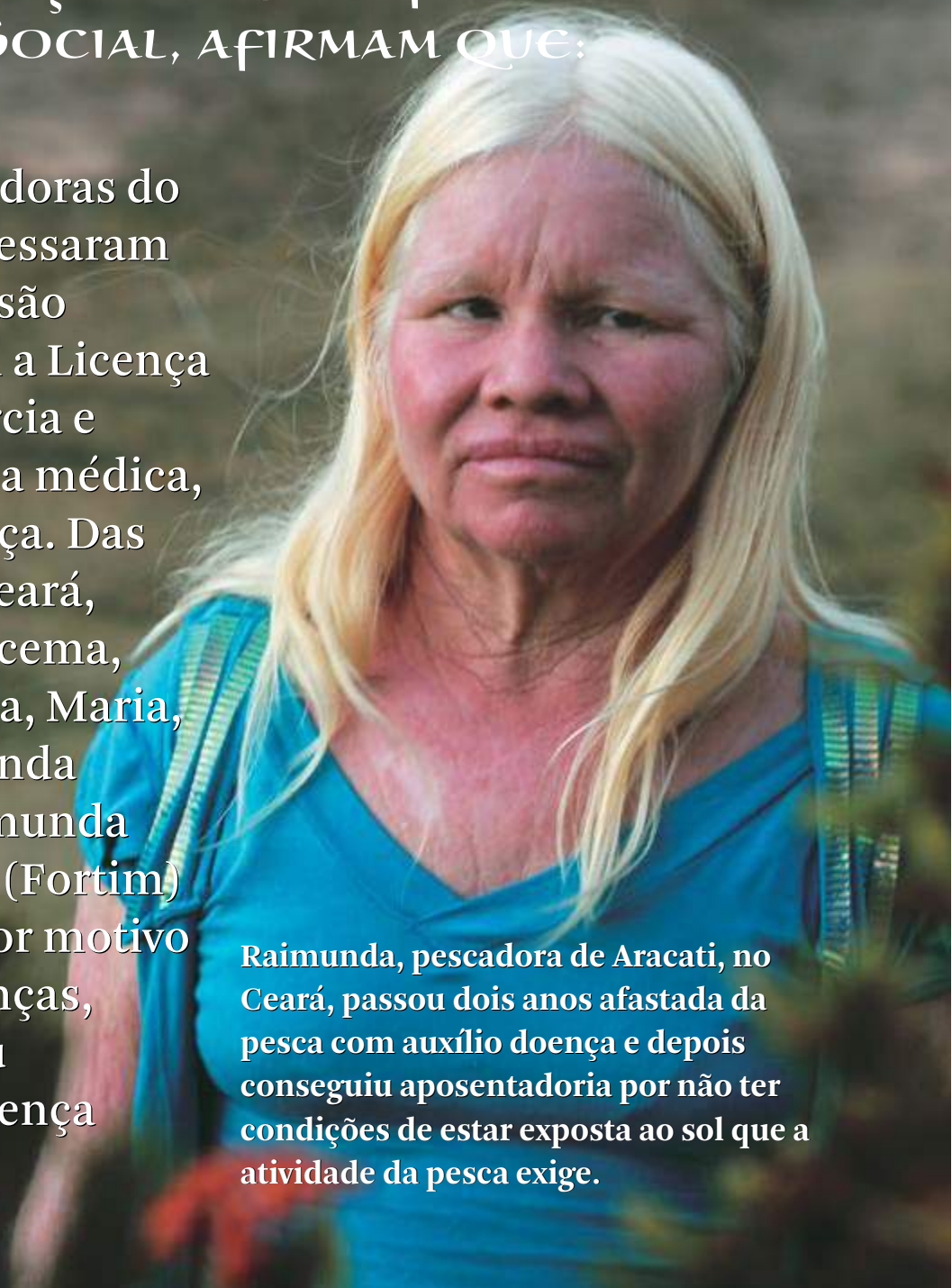
Criticam que cada médico atende vinte (20) pessoas por dia. Por fim, se queixam de que muitos médicos não relacionam suas doenças às atividades de trabalho.

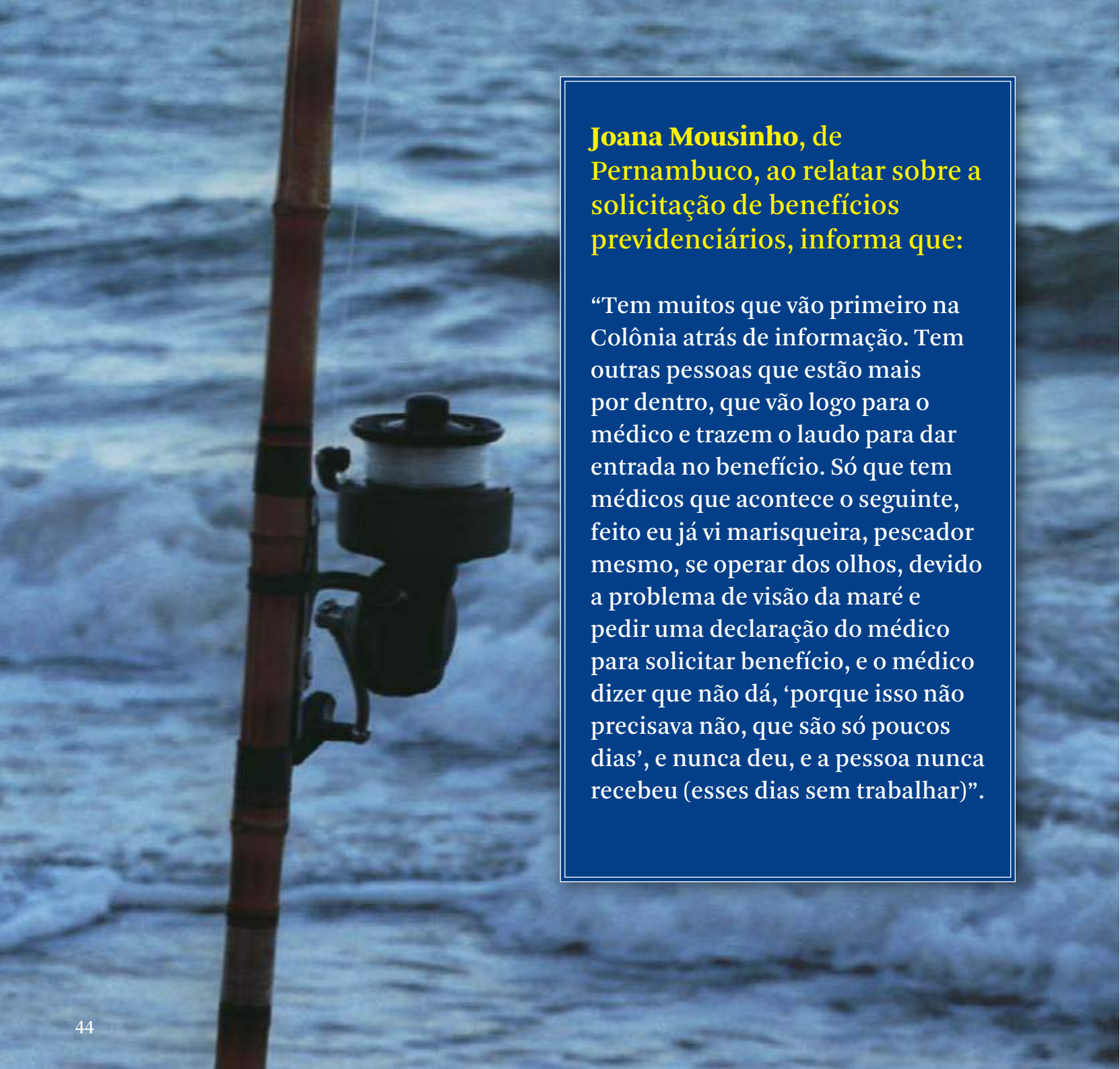


SOBRE A UTILIZAÇÃO DE BENEFÍCIOS DA PREVIDÊNCIA SOCIAL, AFIRMAM QUE:

Das 11(onze) pescadoras do Pará, 04 (quatro) acessaram Previdência Social, são Anália e Eliete, com a Licença Maternidade. Natércia e Lourdes com licença médica, por motivo de doença. Das 26 pescadoras do Ceará, apenas 9 (nove), Iracema, Sulamita, Raimunda, Maria, Auxiliadora, Raimunda Silva, Lucinha, Raimunda (Aracati), Marileide (Fortim) acessaram, todas por motivo de acidente ou doenças, nenhuma informou haver utilizado a licença maternidade.

Raimunda, pescadora de Aracati, no Ceará, passou dois anos afastada da pesca com auxílio doença e depois conseguiu aposentadoria por não ter condições de estar exposta ao sol que a atividade da pesca exige.



A vertical fishing rod with a black reel is positioned on the left side of the frame. The background is a blurred, blue-toned image of water, likely the ocean. The text is contained within a dark blue rectangular box on the right side of the image.

Joana Mousinho, de Pernambuco, ao relatar sobre a solicitação de benefícios previdenciários, informa que:

“Tem muitos que vão primeiro na Colônia atrás de informação. Tem outras pessoas que estão mais por dentro, que vão logo para o médico e trazem o laudo para dar entrada no benefício. Só que tem médicos que acontece o seguinte, feito eu já vi marisqueira, pescador mesmo, se operar dos olhos, devido a problema de visão da maré e pedir uma declaração do médico para solicitar benefício, e o médico dizer que não dá, ‘porque isso não precisava não, que são só poucos dias’, e nunca deu, e a pessoa nunca recebeu (esses dias sem trabalhar)”.

Auxiliadora, no Ceará,
quebrou o pulso e conseguiu
o auxílio doença por 40 dias.

Marinalva, na Paraíba,
apresenta artrose e
problemas na coluna,
procurou o sistema de
saúde, foi bem atendida
na Pan de Jaguaribe em
Cruz das Almas, mas teve
que trabalhar doente, não
procurou o INSS. Não tinha
informação, só procurou o
INSS quando estava perto da
aposentadoria com quase 55
anos.

Sobre doença e trabalho **Francelina**, em Pernambuco, informou que: “Joana me ensinou, que não deveria negar o nome de marisqueira. Eu sou marisqueira, aonde eu chego eu digo, se eu estou doente é por causa do meu trabalho. No INSS eu fui discriminada, porque eu disse que eu era marisqueira, agora só que ele disse a mim, problema de marisqueira, só recebe o benefício se você tiver problema no osso, ‘tem parafuso no osso? Tem osso quebrado?’. Eu não tenho, mas os meus vizinhos e a minha presidente provam que eu estou doente, porque eu sinto muitas dores e essas dores não passam, fazem muitos anos”.

Sidicleide, da Paraíba, apresenta dores na coluna, nas articulações, nos punhos, segundo ela causado pelo remo. Quando chega a época do inverno é difícil para mim ir pescar, devido ao frio e dores nos ossos. Informou também que “Sofro de infecção urinária por causa da lama onde eu pego o marisco”. Informou que a médica fez uma vez reunião na Colônia, uma palestra sobre doenças ocupacionais relacionadas a pesca. Isso foi uma única vez. A enfermeira, segundo ela, fala sobre a saúde da mulher, eu gostaria que tivesse mais, porque informação nunca é de mais”. (*esses sintomas podem ser decorrentes de LER e de doença ocupacional na coluna vertebral – em caso de invalidez temporária, ela tem direito ao afastamento pela Previdência Social).

Sobre INSS, **Sidicleide** respondeu que “Minha irmã já procurou o INSS mais não conseguiu foi negado. Eu não solicitei, já era cismada com esse INSS. Vi a luta dela, mais não consegui, vi a luta dela.”





Josineide, na Paraíba, apresenta deficiências, que ela relaciona ao trabalho excessivo, teve artrose nas duas mãos, tem calcificação no joelho e desvio na coluna (devido ao peso do balde).

Utiliza balaio e gálea, remo e vara quando vai fazer a travessia. (* esses sintomas podem ser decorrentes de LER – em caso de invalidez temporária, ela tem direito ao afastamento pela Previdência Social).

Apresenta, também, problema nos olhos, possivelmente por causa do sol, se protege do sol usando: protetor, chapéu e blusa de mangas compridas.

Ela relata que já fez cirurgia na mão direita, mas ficou pior, porque ao ter o osso serrado, ele saiu do lugar em função de qualquer movimento, por exemplo varrer a casa. Foi ao INSS e o pedido de aposentadoria foi negado, porque segundo ela, o médico da perícia disse que ela tinha condições de trabalhar. Tem carteira de pesca há 7 anos. (*deveria recorrer para obter a aposentadoria, pois a situação indica incapacidade para o trabalho e esta cirurgia pode ter sido para tentar tratar uma das formas de LER. A extração de mariscos exige esforço excessivo e uso constante das mãos e braços e, por isso, como pode continuar a trabalhar sem utilizar as mãos nas atividades de mariscagem?).

SOBRE O TIPO DE REMÉDIOS UTILIZADOS.

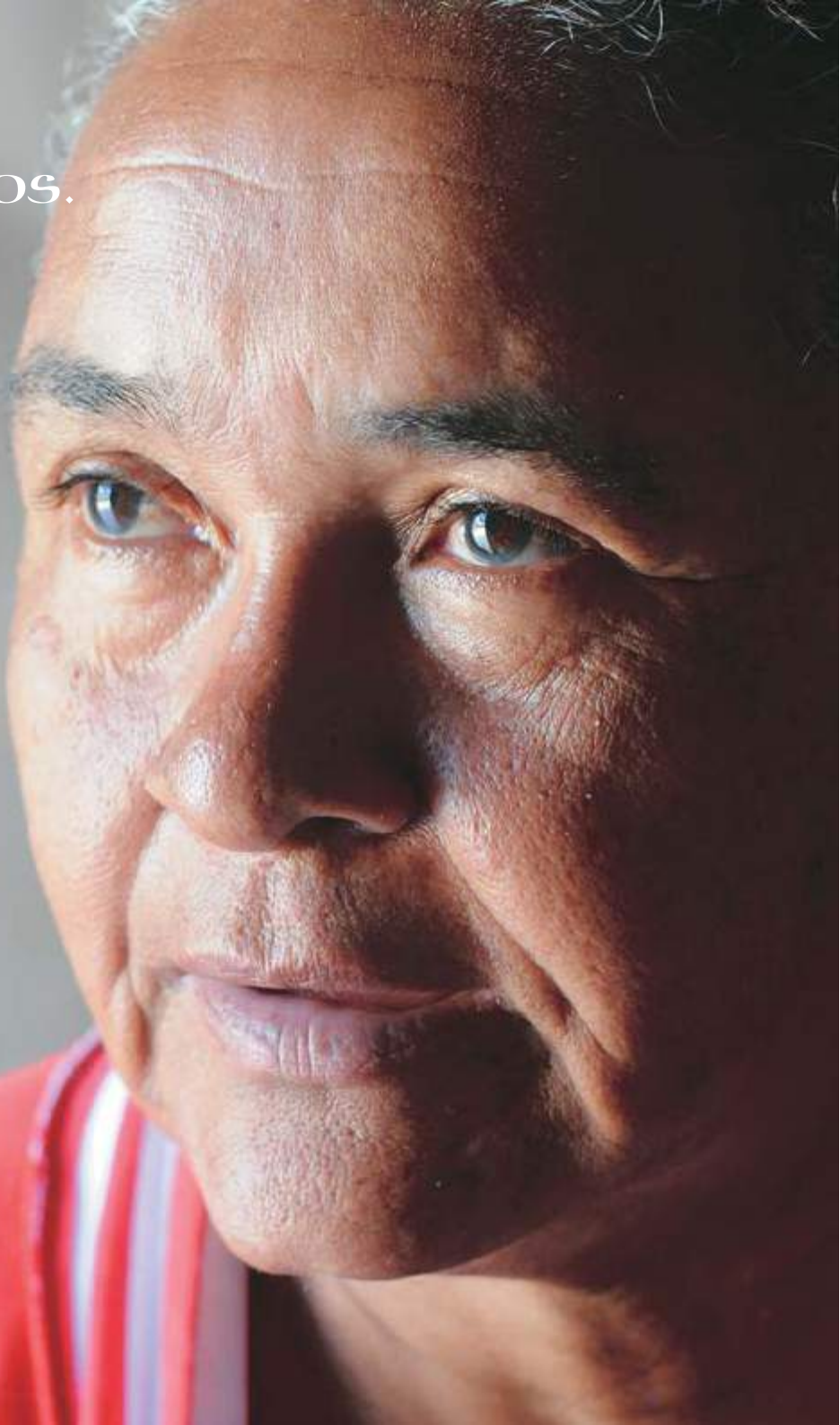
As mulheres pescadoras relataram utilizar vários medicamentos para dores de coluna e outros problemas, como pressão alta e labirintite. Além disso, elas afirmaram tomar remédios caseiros, como compressas e chás preparados com ervas medicinais, para problemas de saúde diversos, como enjoos e dores de cabeça. Uma das mulheres contou que se automedica quando sente dores para evitar ir a médicos.

Sidicleide, na Paraíba, vai periodicamente ao médico, “ele passa “Diclofenaco”.

Josineide, na Paraíba, foi ao médico e o mesmo informou que não tem mais jeito de ficar boa, pois a artrose não tem cura. Toma os remédios com Nimesulida e Diclofenaco, comercializado como: Voltarem e Cataflan.

* Os medicamentos Voltarem e Cataflan entre outros, é um antiinflamatório não-esteróide (AINE) com ação sobretudo analgésica e anti-inflamatória.

* As substancias, nimesulida ou nimesulide, é um medicamento da classe dos anti-inflamatórios.





SERÁ QUE EXISTE DIFERENÇA ENTRE MULHERES E HOMENS NO CUIDADO COM A SAÚDE?

Quem responde é **Fernanda**, no Pará, quando afirma que – na questão da saúde eu observo que as mulheres são mais preocupadas com a saúde tanto dela, da família dela, quanto do homem, do marido.

“Muitas vezes, o marido só vai na hora de olhar para o médico, mas é ela que vai para fila pegar ficha, ela que vai contar o problema para o médico. Ela está mais atenta a saúde dela, da família dela, e principalmente do homem, que não cuida da saúde dele, quando ele vai pro médico a situação já está bem grave”.

CAPÍTULO 3

ALIMENTAÇÃO

“Saco vazio não fica em pé”

Neste capítulo contamos com a colaboração do NAVI, especialmente Carmen Rial, por haver construído o instrumento de pesquisa, Viviane Kraieski, por seus comentários e sugestões imprescindíveis no diálogo com as narrativas das pescadoras.

SOBRE ALIMENTAÇÃO, INICIAMOS COM AS SEQUINTE PERGUNTAS:

Quem cozinha na sua casa? Quem ensina e quem aprende a fazer a comida? Vocês sabiam que as mães são as principais educadoras na cozinha? Estas mulheres mantêm e também transformam a cultura alimentar, passando as receitas de mães às filhas, sobrinhas, netas.

Será que a tarefa de cozinhar, em casa, é uma função somente das mulheres?

Algumas pescadoras falaram que, além das filhas, atualmente filhos, sobrinhos e netos aprendem a fazer a comida, as vezes o marido quando ele quer. Será que, os homens, cozinham no dia a dia ou só em momentos especiais?

Marinalva, na Paraíba, nos conta “aprendi com minha avó, vendo no dia a dia, e repassando as dicas para as minhas filhas”. Atualmente ensina o neto e um filho que moram com ela.

Lenilda, em Pernambuco, falou que seu marido cozinha em casa. Não explicou se no dia a dia ou nos dias de festa.



QUEM COMPRA A COMIDA?

Elas se sentem responsáveis pelas compras de alimentação e pela decisão do que será preparado a cada refeição, pensando sempre em agradar a família. Alguns maridos fazem a compra no mercado.



“DE GRÃO EM GRÃO A GALINHA ENCHE O PAPO” - QUAL A COMIDA DO DIA A DIA DAS PESCADORAS?

Apesar de dizerem que as famílias comem de tudo, os campeões de preferência nos 5 estados foram arroz, feijão , macarrão e peixe.

No Pará se consome açaí diariamente, em Pernambuco, Ceará e Paraíba se consome a macaxeira com frequência, nas duas regiões a farinha não pode faltar a mesa.

Josineide informa que em Acaú na Paraíba as frutas e verduras são muito caras e “não podemos ter esses itens como fazendo parte da nossa alimentação”.



**“BOCA FECHADA
NÃO ENTRA MOSCA”
- UMA FRASE QUE
FALAMOS MUITAS
VEZES ÀS CRIANÇAS.**

Assim indagamos - Quais os alimentos da infância?

Santa Catarina foi o único grupo a falar sobre amamentação e depois mingau de farinha de mandioca com leite.

Os alimentos mais citados em Pernambuco foram a papa com leite de vaca e farinha da terra, gemada, frutas, pães, farinha de coco, farofa com peixe assado na brasa, beiju, ensopado de siri, manga verde com sal, tripa de galinha, carrapicho, tanajura, guaia-mum, caranguejo, amoreia, isca de peixe.

No Pará se destacou mingau de farinha, acaí com farinha, camarão, peixe, caranguejo, marisco, ova de peixe, ovo, galinha caipira, feijão com arroz, frutas (manga, banana, caju, açaí), tomate, maxixe, batata doce, macaxeira, carimã, jacumé.



No Ceará além dos tradicionais mingau e papa, se destacam o leite de cabra, Chibé (farinha, café e manteiga) e o mingau de goma com farinha e chá de erva cidreira.

Importante pensar o por quê desta variedade de alimentos ser importante na infância. São mais “nutritivos”? São mais “fortes”?

“Quem nunca comeu melado, quando come se lambuza”
- um ditado que chama atenção aos exageros que normalmente são permitidos aos domingos e dias de festa.

Nos domingos os alimentos mais citados são o churrasco, a carne bovina assada, a bisteca frita e costela cozida. Os peixes e frutos do mar, também fazem parte dos pratos domingueiros, na forma de peixe assado, caranguejadas, arroz de polvo, pirão de siri, camarão ao alho e óleo. A galinha assada ou cabidela e nas massas se destacam lasanha, empadão, torta de camarão.

A alimentação das festas é semelhante aos do domingo, porém nesses dias juntam-se as guloseimas: bolos, salgadinhos, doces, doce de leite, banana caramelada e sorvete. Além das comidas de preferência geral foram citadas: carne de porco, feijão preto adubado (preparado com embutidos), macarrão parafuso, fava recheada com calabresa e charque, pizza, galetto, arrumadinho (feijão, farofa de mandioca, vinagrete e linguiça e um mundo de temperos), feijão tropeiro, feijoada, panelada, carne de sol.

No Pará se destacam alguns pratos regionais, maniçoba (retirado da folha de mandioca),

pato, porco e peixe ao, tucupi, um tempero e molho de cor amarela. Outros alimentos não regionais são: charque, carne de porco, feijoada, vatapá (um dos pratos da tradicional comida baiana), galinha com arroz, galinha e pato, frango ao molho pardo, lasanha, arroz c/ Galinha.



“COMA PARA VIVER, NÃO VIVA PARA COMER” EXISTEM COMIDAS BOAS PARA A SAÚDE? QUAIS SÃO?

Em Santa Catarina todas compartilhem a opinião de que peixes e frutos do mar são os alimentos mais saudáveis.


Peixe, leite, verdura, legumes, soja, frutas, queijos, feijão, arroz, suco das frutas, fígado (por causa do ferro), bife grelhado, inhame, chá, água de coco, manjuba, salada, cuscuz, frango, lagosta, siri, fígado.

Erineide, no Ceará, comenta que tudo faz bem.

No Pará além de frutas e verduras, elas chamaram atenção sobre as “folhas verdes”. Será que as pescadoras paraenses estão mais receptivas à incorporar outros vegetais, o que denominaram de folhas verdes, por que o jambu faz parte da culinária tradicional paraense?

O jambu é uma hortaliça, a segunda mais consumida em Belém do Pará utilizado no tacacá, no pato ao tucupi e pizza com mozzarella.





“Banana de dia é ouro, de tarde é prata e de noite “mata”. Existem alimentos que não se deve comer? Quais comidas fazem mal à saúde?”

Algumas respostas são:

As pernambucanas responderam que: o que faz mal... é pizza, batata-frita, esses galeto de pozinho que é feito na rua... é o galeto empoeirado...muita massa.. lasanha, muita macarronada”.

Carnes vermelhas, frituras, doces e gorduras são citadas como comidas pouco saudáveis, pelas pescadoras de Santa Catarina. O frango “porque tem remédio”, o tomate “porque tem agrotóxico”, elas comentaram que “foi o que a gente estudou”, referindo-se a um curso sobre alimentação que foi oferecido à comunidade pela EPAGRI. Concordam que os excessos fazem mal, mas também comentaram que “tudo o que é gostoso faz mal”.

Sal, comida congelada, farinha, carne de porco, cuscuz, são alguns alimentos considerados ruins para a saúde pelas pescadoras do Ceará.



No Pará, as pescadoras chamaram atenção sobre o que não se deve comer: alimentos enlatados e refrigerantes.

Em Pernambuco foram citados: enlatado, hambúrguer, batata-doce, refrigerante, batata-frita, sal, carne vermelha, frituras, maionese, pão, mortadela, carne de porco, pizza, hambúrguer X-tudo, salsichão.

Importante pensar por que alimentos podem ser considerados bons ou ruim para a saúde.

Edileuza informou “a comida que faz mal? Macarrão, porque é massa, ovo frito, a gema, cachorro-quente, hambúrguer, frituras, cozido, porque tem muita gordura. Alguns peixes: Saremunete um peixe reimoso, Arraia é carregado tem couro, Tubarão... Moréia, Muripim porque além de reimoso é cheio de espinha”.

Lindalva nos conta que “pra mim tudo faz mal. Nada doce, nada reimoso, que eu sou diabética.. Não como pão, muito difícil, só arroz feijão e peixes, só o que não é reimoso. Carapeba, muniqui, arraia eu não como, bagre piorou. Se for reimoso eu não como”.



A PARTIR DO DITADO

“Coma para viver, não viva para comer”

Foi perguntado: o que não se deve comer?

Em Pernambuco as respostas incluíram:
“O baiacu, o veneno mata... lá em casa não
entre baiacu”.

Edileuza “Charque se for gorda... faz mal..
doce, chocolate, doce-de-leite”, mas “... quan-
do eu chego da maré com aquela fome, pode
ter a comida que for que eu como, até reimo-
so, fome é demais, se não tem outra coisa...
se não tem aquela comida na hora que faz
bem, a gente come o que tem...”

A segurança alimentar é coisa séria, mas para
suavizar esta conversa. Concluímos com a
letra de música.

Já não quero mais saber
Se como alguma coisa
Que não devo comer
Se tudo que eu gosto
É ilegal, é imoral ou engorda
(*Ilegal, Imoral ou Engorda*. Roberto Carlos)

EQUIPE

COORDENAÇÃO:

Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão – UFRPE

Ana Luiza Spinelli Pinto

NÚCLEOS DE PESQUISA ENVOLVIDOS

1. Desenvolvimento e Sociedade – CNPq/UFRPE

Dra. Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão –
UFRPE

Mestranda Claudia Maria de Lima – *POSMEX-UFRPE*

Ivan Pereira Leitão – *Professor Universidade de
Pernambuco*

Juliana Andrade Leitão – *Doutoranda PPGCOM/UFPE.*

Mestre - POSMEX - UFRPE - Fotógrafa/Jornalista

Maria Solange da Silva - *Socióloga*

Rejane Cleide de Lima Damasceno – *Técnica*

Clodoaldo de Souza Cavalcante Neto – *Sociólogo*

Fernando Antônio Duarte Barros Júnior – *Mestre em
Antropologia*

Francisco Assis de Andrade Costa – *Engenheiro
Agrônomo*

Pedro Henrique Dias Inácio – *Mestre em História*

Phelippo de Oliveira Cordeiro Vanderlei - *Biólogo*

2. NAVI/GAUM – Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem/Grupo de Antropologia Urbana e Marítima:

Dra. Carmen Silvia de Moraes Rial – *UFSC*

Dra. Mara Coelho de Souza Lago – *Núcleo de Pesquisas
Margens: Modos de Vida, Família e Relações de
Gênero - UFSC*

Dra. Angela Maria de Souza – *Antropóloga*

Dra. Maria Elisabeth Goidanich – *PPGICH – UFSC*

Doutoranda Viviane Kraieski de Assunção – *PPGAS -
UFSC*

Valentine Godolphim – *Graduanda de Ciências Sociais –*

Bolsista de Iniciação Científica/CNPQ – NAVI

Ana Paula Santos – *Graduanda de Ciências Sociais –*

Bolsista de Iniciação Científica/CNPQ – NAVI

Mestrando Maycon Mello – *PPGAS – UFSC*

Mestranda Jimena Massa – *PPGAS – UFSC*

Denise Gomes Silva Moraes Cavalcante – *Graduanda de
Cinema*

3. GEPEM - GEPEM - Grupo de Estudos e Pesquisas “Eneida de Moraes” /UFPA

Dra. Maria Luzia Miranda Alvares - *UFPA*

Dra. Maria Cristina Maneschy - *UFPA*

Carla Moreira – *bolsista GEPEM/PROAD*

Murilo Cristo Figueira – *bolsista PIPES/*

Thiago Paiva – *bolsista PIPES/*

Keyla Araújo – *bolsista/PIPES*

CONSELHO PASTORAS DOS PESCADORES – PARÁ

Sueli Miranda

Marlucia Mascarenhas Valério

4. Universidade Federal da Bahia

Dr. Paulo Gilvane Lopes Pena- *UFBA*

Thaís Mara Dias Gomes- *Mestranda UFBA*

Luciana Mandelli

ONG FLOR DA TERRA - CEARÁ

Tereza Cândida Diniz Gonçalves

Vivianny Mary Juca Bezerra

Michelle Diniz Martins

Secretaria de Políticas para Mulheres - Participaram de Reuniões

Márcia Leporace

Daniela Alarcom

PESCADORAS PERNAMBUCO

Joana Mousinho
Vilma
Lenilda
Ana Lúcia
Ladjane
Francelina
Lindalva
Edileusa
Natércia
Ana Paula
Valdirene
Viviane
Claudenice
Laudeni
Lenilza
Maria José
Rosete

PESCADORAS PARÁ

Mariléia
Elieti
Anácia
Dilvane
Sandra
Manuelita
Ana Lúcia
Angélica
Maria Irinelda
Fernada
Ivanete
Analia

PESCADORAS PARAÍBA

Marinalva
Sidicleide
Josineide
Luzia
Socorro
Gilvanir

PESCADORAS**SANTA CATARINA**

Nair
Nilza
Nara
Iva
Áurea
Geovana
Valdenice
Vera
Zezá
Rose
Nelza
Rafaela
Lúcia
Alzira
Francisca

PESCADORAS CEARÁ

Adriana
Iracema
Cosminha
Tobias
Ana
Fátima
Tamiris
Irelda
Elineuda
Sinônia
Erineide
Martilene
Débora (Aracati)
Raimunda (Fortim)
Neuma (Fortim)
Lourdes (Fortim)
Eneida (Fortim)
Marileide (Fortim)
Rivanda (Fortim)

LISTA DE FIGURAS

PÁG			
02	Pescadoras Pernambucanas em Camaragibe – PE	39	Pescadora em Itapissuma – PE
03	Capa Capítulo 1 - Gênero e Trabalho Santa Maria da Boa Vista – PE	40	Pescadora em Itapissuma – PE
04	Rio São Francisco no Balneário de Pedrinhas – Petrolina/PE	41	Pescadoras em Sirinhaém – PE
05	Pescadoras em Oficina - PE	42	Raimunda, pescadora aposentada de Icapuí – CE
06	Linduina, pescadora do Icapuí – CE	43	Sirinhaém – PE
07	Acaú – PB	44	Pescadora em Itapissuma – PE
08	Baía do Sol – PA	45	Sidicleide – pescadora de Acaú – PB
09	Baía do Sol – PA	46	Josineide - pescadora de Acaú – PB
10	Suely, pescadora da Baía do Sol – PA	47	Gilva - pescadora de Acaú – PB
11	Baía do Sol – PA	48	Elisa – pescadora Baía do Sol – PA
12	Crianças em Itapissuma – PE; meninas em Acaú – PB	49	Capa Capítulo 3 - Peixes no Mercado Ver o Peso – PA
13	Barcos - PE	50	Pescadora em Curuçá – PA e peixe assado em Petrolina – PE
14	Pescadora em Itapissuma - PE; Camarão Seco - PA; Ostras em Curuçá – PA	51	Comércio de peixes no Mercado Ver o Peso – PA; peixes na Colônia Z – 10 em Itapissuma - PE
15	Peixes no Mercado Ver o Peso – PA; tabela de preços – Curuçá-PA	52	Ostras em Curuçá – PA; agulha frita na I Feira de Economia Solidária da Pesca Artesanal - PE
16	Maria das Neves – pescadora em Santa Maria da Boa Vista –PE	53	Porto de Galinhas; pescadora de Brasília Teimosa – PE
17	Canal de Santa Cruz - Itapissuma – PE	54	Lagostas e pescador em Pitimbu – PB
18	Comercio de Peixe nos arredores do Mercado Ver o Peso – PA	55	Moqueca de peixe e Tacacá - PA
19	Canal de Santa Cruz - Itapissuma – PE	56	Mariscos – PE
20	Pescadores em Icapuí – CE	57	Peixes no Mercado Ver o Peso – PA
21	Icapuí – CE; Edileusa pescadora de PE	58	Peixes no Mercado Ver o Peso – PA
22	Icapuí – CE		
23	Mangue em Sirinhaém – PE		
24	Acaú – PB árvore dos desejos elaborada em oficina - PE		
25	Acaú – PB		
26	Pescadoras em Itapissuma – PE		
27	Pescador em Itapissuma – PE;		
28	Capa Capítulo 2 - Rio São Francisco – Santa Maria da Boa Vista – PE		
29	Gráfico Faixa Etária Pescadoras		
30	Pescadoras em Icapuí – CE		
31	Oficina em Icapuí – CE		
32	Oficina em Icapuí – CE		
33	Pescadoras em Itapissuma – PE		
34	Pescadoras em Itapissuma – PE		
35	Mãos de pescadora em Sirinhaém – PE		
36	Pescadoras em Sirinhaém – PE		
37	Pescadoras em Itapissuma – PE		
38	Joana Mousinho - Pescadoras em Itapissuma – PE		



O projeto "Ações para Consolidar a Transversalidade de Gênero nas Políticas Públicas para a Pesca e Aquicultura do MPA, representa um marco nas propostas e realizações relacionadas a inclusão social com enfoque de gênero, raça e geração. Este livro é fruto da articulação entre MPA - Ana Luiza Spinelli Pinto, e UFRPE – Prf^ª. Dr^ª Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão, teve início com um encontro em Brasília, em abril de 2010 que incluiu MDA, SPM, Universidades (UFRPE, UFPA, UFSC, UFBA) e a Ong Flor da Terra Ceará. Nesta ocasião foi organizado temas e metodologia do diagnóstico proposto nos cinco estados. Os estados escolhidos para este trabalho foram o Pará na região Norte do país, Ceará, Pernambuco e Paraíba na região Nordeste e Santa Catarina na região Sul, em função da realidade do cotidiano da pesca. Nos debruçamos sobre esta realidade para assim alcançar por meio de entrevistas, fotografias e depoimentos informações que ultrapassam os dados numéricos, com a intenção de dar voz e visibilidade a estas mulheres pescadoras, ouvir quais as suas necessidades de construção e execução de políticas públicas que as beneficiem enquanto pescadoras e abrir um diálogo para que elas nos expliquem quais as atividades, por elas desenvolvidas na cadeia produtiva da pesca. Mulheres oriundas de Baía do Sol, Mosqueiro, Curuçá, Icapuí, Fortim, Acaú, Itacuruba, Santa Maria da Boa Vista, Jatobá, Ibimirim, Itapissuma, Governador Celso Ramos, Brasília Teimosa, Rio Formoso, São José da Coroa Grande, Igarassú.

FINANCIAMENTO



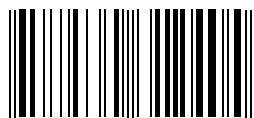
REALIZAÇÃO



APOIO



ISBN: 978-85-60312-40-5



9 788560 312405